



Universidades Lusíada

Oliveira, Humberto Nuno Lopes Mendes de, 1961-

Dominique Venner e o ofício de historiador ou um historiador sem amarras

<http://hdl.handle.net/11067/1136>

Metadados

Data de Publicação	2014-09-16
Resumo	A morte no dia 21 de Maio de 2013, frente ao altar da catedral de Notre-Dame, em Paris, catapultou para a ribalta o nome do historiador francês Dominique Venner. Revisitar a sua extensa obra e os problemas que se levantaram em torno da mesma tornam-se hoje uma contribuição inevitável. Autor contestado mas impossível de ignorar, Dominique Venner, construiu a sua carreira de historiador a pulso e logrou, em áreas específicas do conhecimento histórico, transformar-se numa referência incontornável...
Palavras Chave	Historiadores - França - Século 20, Venner, Dominique, 1935-2013 - Biografia
Tipo	article
Revisão de Pares	Não
Coleções	[ULL-FCHS] LH, s. 2, n. 09-10 (2013)

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-04-23T19:03:01Z com informação proveniente do Repositório



DOMINIQUE VENNER E O OFÍCIO DE HISTORIADOR OU UM HISTORIADOR SEM AMARRAS

Humberto Nuno de Oliveira

Centro Lusíada de Estudos Genealógicos, Heráldicos e Históricos
hnlmdo@lis.ulusiada.pt





Resumo

A morte no dia 21 de Maio de 2013, frente ao altar da catedral de Notre-Dame, em Paris, catapultou para a ribalta o nome do historiador francês Dominique Venner. Revisitar a sua extensa obra e os problemas que se levantaram em torno da mesma tornam-se hoje uma contribuição inevitável. Autor contestado mas impossível de ignorar, Dominique Venner, construiu a sua carreira de historiador a pulso e logrou, em áreas específicas do conhecimento histórico, transformar-se numa referência incontornável.

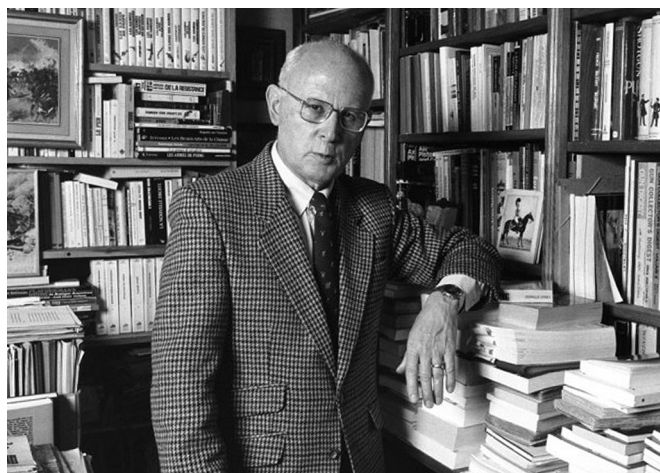
Abstract

The death on May 21, 2013, facing the altar the of Notre-Dame Cathedral in Paris catapulted into the limelight the name of the French historian Dominique Venner. To revisit his extensive work and the problems that arose around it, become today an inevitable contribution. Disputed but impossible to ignore as author, Dominique Venner, wrist built his career as historian and remarkably succeeded in specific areas of historical knowledge, becoming an essential reference.

Palavras-Chave: Dominique Venner / história / historiador

Keywords: Dominique Venner / history / historian





O suicídio, com uma arma de fogo, face ao altar da catedral de Notre-Dame, em Paris, no dia 21 de Maio de 2013 catapultou para a ribalta – não necessariamente pelos seus melhores atributos – o nome deste historiador, nascido em 16 de Abril de 1935 na cidade onde pôs fim à sua vida, só desconhecido dos menos atentos e legando-nos uma carta explicativa desse acto¹.

A sua vida “pública” começa como Oficial subalterno do 4.º Batalhão de

¹“Estou são de corpo e alma, cheio de amor para com a minha mulher e os meus filhos. Amo a vida e não espero nada para além dela, a não ser a perpetuação da minha raça e do meu espírito. Portanto, na noite da minha vida, perante os imensos perigos para com minha pátria francesa e europeia, sinto-me no dever de agir enquanto ainda tenho forças.

Penso ser necessário sacrificar-me para romper a letargia que nos abate. Ofereço o que ainda resta da minha vida numa intenção de protesto e de fundação. Escolho um lugar altamente simbólico, a catedral Notre-Dame de Paris que eu respeito e admiro, edificada pelo génio dos meus antepassados sobre locais de cultos mais antigos, recordando as nossas origens imemoriais. Enquanto tantos homens são escravos das suas vidas, o meu gesto encarna uma ética da vontade. Entrego-me à morte a fim de despertar as consciências adormecidas. Insurjo-me contra a fatalidade. Insurjo-me contra os venenos da alma e contra os desejos individuais invasores que destroem as nossas âncoras identitárias, nomeadamente a família, alicerce íntimo da nossa civilização multimilenar. Tal como defendo a identidade de todos os povos em suas casas, insurjo-me também contra o crime que visa a substituição das nossas populações.

Como o discurso dominante não pode sair das suas ambiguidades tóxicas, cabe aos europeus tirar as suas conclusões. Não havendo uma religião identitária à qual nos possamos amarrar, partilhamos desde Homero uma memória própria, repositório de todos os valores sobre os quais refundaremos o nosso futuro renascimento em ruptura com a metafísica do ilimitado, a fonte nefasta de todos os desvios modernos.

Peço antecipadamente perdão a todos aqueles a quem a minha morte fará sofrer, primeiro à minha mulher, aos meus filhos e netos, bem como aos meus amigos e seguidores. Mas, uma vez esbatido o choque e a dor, não duvido que tanto uns como outros compreenderão o sentido do meu gesto e transformarão o seu sofrimento em orgulho. Desejo que estes se entendam para resistir. Encontrarão nos meus escritos recentes a prefiguração e a explicação do meu gesto.

Para qualquer informação, podem dirigir-se ao meu editor, Pierre-Guillaume de Roux. Ele não estava informado da minha decisão, mas conhece-me há muito tempo”.

Tradução de Duarte Branquinho in “Adeus coração rebelde”, *O Diabo*, de 28 de Maio de 2013.

Caçadores (infantaria) durante a Guerra da Argélia, servindo como voluntário até Outubro de 1956 e condecorado com a *Croix du combattant*. De regresso a França, milita na *Jeune Nation*². Após a violenta supressão da revolta húngara em 1956 é um dos participantes no assalto à sede do Partido Comunista Francês (7 de Novembro de 1956). Junto com Pierre Sidos é um dos fundadores do efémero *Parti Nationaliste* (Partido Nacionalista), envolvendo-se posteriormente no *Mouvement populaire du 13-mai* (Movimento popular 13 de Maio³) liderado pelo General Guillaume Jean Max Chassin, e integrando a *Organisation armée secrète* (OAS)⁴. Devido à participação nos atentados desta organização é condenado à prisão, tendo cumprido 18 meses em La Santé Prison da qual foi libertado no Outono de 1962.

Na realidade, como notou Nicolas Lebourg (2013), "A história do nacionalismo-revolucionário permanece indubitavelmente ligada à humilhação dos acontecimentos da Argélia francesa que obrigou os neo-fascistas a procurar uma nova via, tanto nas suas práticas como na sua ideologia". E coube a Dominique Venner, no dizer do mesmo autor, espoletar as duas correntes que nascem desse esforço: a «Nova Direita» e o nacionalismo-revolucionário. Efectivamente ambas se estribaram num manifesto escrito após a sua libertação, *Pour une critique positive* ("Para uma crítica positiva"⁵), que Pierre Milza (1988: 320) comparou mesmo ao famoso "Que fazer?" de Lenine, afirmando que se tornou num "texto fundacional de todo um segmento da extrema-direita" (Milza 2002: 193), a experiência da prisão possibilitou-lhe uma profunda meditação sobre novas formas de militância e a identificação de problemas na área da extrema-direita: a obsessão do passado e a dos combates perdidos. Nesse manifesto Venner explorava, ainda, as razões do falhanço do golpe de Abril de 1961 e explicitava a diferença entre "nacionais" (*nationaux*) e "nacionalistas" (*nationalistes*) apelando à criação de uma única organização nacionalista e revolucionária que deveria "criar as condições para uma actuação nova, popular e absolutamente legal".

No ano seguinte, em Janeiro, funda com Alain de Benoist o grupo *Europe-Action*⁶ e as *Éditions Saint-Just*, compostas exclusivamente por nacionalistas, membros da *Fédération des étudiants nationalistes* (Federação dos estudantes nacionalistas⁷).

Em 1968 foi um dos impulsionadores da fundação do *Groupement de recherche et d'études pour la civilisation européenne* (GRECE, o Grupo de investigação e estudo para a Civilização Europeia) e da criação, no mesmo ano com Thierry

² A *Jeune Nation* foi um movimento nacionalista francês, fundado (1949?) por Albert Heuclin.

³ Movimento fundado em Junho de 1958, como referência aos acontecimentos na Argélia nessa data e ano. Visava o "recuso do abandono de uma terra francesa", "a vontade de por cobro a um regime incapaz" e sobretudo por fim às actividades terroristas da FLN (*Front de libération nationale*).

⁴ Organização do Exército Secreto foi criada em 11 de Fevereiro de 1961 e operou até 1968 sendo uma organização paramilitar clandestina que defendia a manutenção da Argélia francesa.

⁵ Disponível em: http://1000tempetes.free.fr/venner_critique_positive.pdf.

⁶ Criado em Janeiro de 1963, e desaparecido em 1967, era um movimento de direita radical que publicava uma revista nacionalista com o mesmo nome.

⁷ Constituída em 1 de Maio de 1960 e dissolvida em 1967 tinha como principal objectivo a luta contra a marxização da União Nacional dos Estudantes de França.



Maulnier, do efêmero *Institut d'études occidentales* (IEO) e da sua revista *Cité-Liberté*. O IEO assumia-se como anti-comunista (sendo o comunismo classificado como uma “subversão mental”) e defensor dos “valores ocidentais”. Neste ano publica a sua primeira obra na prestigiada editora Robert Laffont:

- *Guide de la contestation : les hommes, les faits, les événements*, Robert Laffont, Paris, 1968, 256 p.

Em 1971, rompe repentinamente com os seus compromissos políticos que, segundo ele, “não correspondiam à sua vocação” deixando mesmo Paris para viver mais próximo da floresta e passando a viver exclusivamente da escrita e da edição.

Desta fase, chamemos-lhe de transição, deixa-nos, ainda, duas obras de cariz político:

- *Ils sont fous, ces gauchistes ! Pensées. Choisies et parfois commentées par Dominique Venner*, Éd. de la Pensée moderne, Paris, 1970, 251 p.

- *Guide de la politique*, Balland, Paris, 1972, 447 p. + 12 p.

Dirá, “Sou escritor na medida em que me entrego à forma daquilo que escrevo. Sou historiador por vocação, desejo apaixonado de compreender e por um problema de honestidade. Quero-me, antes do mais, como um espírito livre, sem ligações políticas ou ideológicas que decidiu trabalhar fora dos constrangimentos universitários”⁸.

Ano após ano, publica um grande número de livros, colabora com a imprensa e dedicando grande parte desse primeiro período à história mal conhecida, e pouco tratada, das armas e da caça, área na qual se torna um incontornável especialista de referência.

- *Pistolets et revolvers*, Éd. de la Pensée moderne et Jacques Grancher, col. «Le Livre des armes» n°1, Paris, 1972, 326 p.

- *Les Corps d'élite du passé* (dir.), Balland, Paris, 1972, 391 p. – compreende: *Les Chevaliers teutoniques*, por Jean-Jacques Mourreau, *Janissaires*, por Philippe Conrad, *Mousquetaires*, por Arnaud Jacomet, *Grenadiers de la Garde*, por Jean Piverd, e *Cadets*, por Claude Jacquemart.

Publicado em Portugal, no mesmo ano, pela Ulisseia, numa tradução de Elsa Dulce Ferreira, sob o título *Corpos de elite do passado*.

- *Monsieur Colt*, Balland, col. «Un Homme, une arme», Paris, 1972, 242 p. + 40 p.

- *Carabines et fusils de chasse*, Éd. de la Pensée moderne et Jacques Grancher, col. «Le Livre des armes» n° 2, Paris, 1973, 310 p.

- *Armes de combat individuelles*, Éd. de la Pensée moderne et Jacques Grancher, col. «Le Livre des armes» n° 3, Paris, 1974, 310 p.

De referir, não obstante a busca de outros caminhos de investigação, que jamais Venner abandonou a investigação e publicação de temas ligados à armaria

⁸ “Je suis écrivain dans la mesure où je m’attache à la forme de ce que j’écris. Je suis historien par vocation, désir passionné de comprendre et souci d’honnêteté. Je me veux avant tout un esprit libre, sans attache politique ou idéologique, ayant décidé de travailler en dehors des contraintes universitaires» (Camus e Monzat 1992 : 264 – 265).

e à caça que o acompanharam quase até ao fim⁹.

Inicia, igualmente, uma actividade editorial, quando após 1970 o editor André Balland lhe confia a direcção de uma colecção de ensaios históricos em que revela diversos novos autores.

Paralelamente inicia as suas pesquisas sobre a história contemporânea que advinham das suas próprias interrogações. Estes trabalhos foram inaugurados pelo seu livro:

- *Baltikum: dans le Reich de la défaite, le combat des corps-francs, 1918-1923*, Robert Laffont, col. «L'Histoire que nous vivons», Paris, 1974, 365 p. + 16 p.

Consagrada aos corpos francos alemães daqueles anos, tema a que regressa em:

- *Les Corps-francs allemands de la Baltique: la naissance du nazisme*, Le Livre de poche, n° 5136, Paris, 1978, 508 p.

e que mais tarde revisitará, sobretudo devido aos preciosos esclarecimentos que lhe foram fornecidos por Ernst Jünger;

- *Histoire d'un fascisme allemand: les corps-francs du Baltikum et la révolution* (subtítulo *Du Reich de la défaite à la nuit des longs couteaux : 1918-1934*), Pygmalion, Collection rouge et blanche, Paris, 1996, 380 p. + 16 p.

Seguem-se numerosas obras históricas como:

- *Le Blanc Soleil des vaincus: l'épopée sudiste et la guerre de Sécession, 1607-1865*, La Table Ronde, Paris, 1975, 300 p.

- *Westerling: guérilla story*, Hachette, col. «Le Livre des aventuriers», Paris, 1977, 319 p.

- *Grandes énigmes de notre temps* (colectiva: Dominique Venner, Thomas Schreiber e Jérôme Brisset, Famot, Genève, 1978, 248 p. + 24 p.

⁹ *Les Armes de la Résistance*, Éd. de la Pensée moderne et Jacques Grancher, col. « Le Livre des armes » no 4, Paris, 1976, 330 p. ; [Colectivo], *Les Armes de cavalerie* (dir.), Argout, Paris, 1977, 144 p.) Hors-série n° 4 da revista *Gazette des armes* ; *Les Armes blanches du III^e Reich*, Éd. de la Pensée moderne et Jacques Grancher, col. « Le Livre des armes » n° 5, Paris, 1977, 298 p. ; *Les Armes américaines*, Éd. de la Pensée moderne et Jacques Grancher, col. « Le Livre des armes » n° 6, Paris, 1978, 309 p. ; *Les Armes à feu françaises*, Éd. de la Pensée moderne et Jacques Grancher, col. « Le Livre des armes » n° 7, Paris, 1979, 334 p. ; *Les Armes russes et soviétiques*, Éd. de la Pensée moderne et Jacques Grancher, col. « Le Livre des armes » n° 8, Paris, 1980, 276 p. ; *Le Grand livre des armes*, Jacques Grancher, Paris, 1980, 79 p. ; *Le Mauser 96*, Éd. du Guépard, Paris, 1982, 94 p. ; *Dagues et couteaux*, Éd. de la Pensée moderne et Jacques Grancher, col. « Le Livre des armes » n° 9, Paris, 1983, 318 p. ; *Histoire des armes de chasse*, Jacques Grancher, Paris, 1984, 219 p. + 16 p. ; *Le Guide de l'aventure*, Pygmalion, Paris, 1986 (paginação desconhecida / ISBN 2-85704-215-9); *Les Armes blanches : sabres et épées*, Éd. de la Pensée moderne et Jacques Grancher, col. « Le Livre des armes » n° 10, Paris, 1986, 317 p.; *Les Armes de poing : de 1850 à nos jours*, Larousse, Paris, 1988, 198 p. ; *Les armes des services spéciaux*, Jacques Grancher, Paris, 320 p. ; *L'Arme de chasse aujourd'hui*, Jacques Grancher, col. « Le Livre des armes » n° 11, Paris, 1990, 350 p. ; *Les Beaux-arts de la chasse*, Jacques Grancher, col. « Passions », Paris, 1992, 241 p. ; *Le Couteau de chasse*, Crépin-Leblond, col. « Saga des armes et de l'armement », Paris, 1992, 134 p. ; *Les armes qui ont fait l'histoire. Tome 1*, Crépin-Leblond, coll. « Saga des armes et de l'armement », Montrouge, 1996, 174 p. ; *Revolvers et pistolets américains : l'univers des armes* (colaboração de Philippe Fossat e Rudy Holst), Solar, col. « L'Univers des armes », 1996, 141 p. ; *Encyclopédie des armes de chasse : carabines, fusils, optique, munitions*, Maloine, Paris, 1997, 444 p. ; *Dictionnaire amoureux de la chasse*, Plon, col. « Dictionnaire amoureux », Paris, 2000, 586 p. ; *La Chasse, dernier refuge du sauvage?* (direcção), Privat, Paris, 2007, 158 p (ISBN 978-2-70-89-0242-8).



- *Histoire de l'Armée rouge. Tome 1: La Révolution et la guerre civile: 1917-1924*, Plon, Paris, 1981, 301 p. + 16 p.

Este último livro que lhe valerá o Prémio Broquette-Gonin da Académie Française em 1981.

- *Treize meurtres exemplaires: terreur et crimes politiques au XX^e siècle*, Plon, Paris, 1988, 299 p.

- *L'Assassin du président Kennedy*, Perrin, col. «Vérités et légendes», Paris, 1989, 196 p. + 8 p.

- *Le Cœur rebelle*, Les Belles-Lettres, Paris, 1994, 201 p.

Onde escrevendo sobre as Guerras da Argélia, realiza uma profunda reflexão autobiográfica, referindo o seu activismo político, a sua participação como voluntário na guerra, e sobretudo a experiência da sua prisão. Analisa a forma como mudou ao longo da vida sem no entanto jamais se arrepende do passado.

- *Gettysburg*, Éd. du Rocher, Mónaco e Paris, 1995, 321 p.

- *Histoire critique de la Résistance*, Pygmalion, Collection rouge et blanche, Paris, 1995, 500 p.

- *Les Blancs et les Rouges: histoire de la guerre civile russe, 1917-1921*, Pygmalion, Collection rouge et blanche, Paris, 1997, 396 p. + 16 p.

- *Histoire de la Collaboration (suivi des dictionnaires des acteurs, partis et journaux)*, Pygmalion, Paris, 2000, 766 p.

Uma notável e extensa obra sobre o colaboracionismo em que cerca de metade da mesma é constituída por um útil e completo dicionário dos elementos ligados ao fenómeno.

- *Histoire du terrorisme*, Pygmalion et Gérard Watelet, Paris, 2002, 248 p.

- *Histoire et tradition des Européens: 30 000 ans d'identité*, Éd. du Rocher, Monaco et Paris, 2002, 273 p.; com uma nova edição em 2004.

Uma obra de fundo que interroga as fontes e o destino da civilização europeia partindo do legado de Homero.

- *De Gaulle: la grandeur et le néant: essai*, Éd. du Rocher, Mónaco e Paris, 2004, 304 p.

- *Le Siècle de 1914. Utopies, guerres et révolutions en Europe au XX^e siècle*, Pygmalion, Paris, 2006, 408 p.

Editado em Portugal, em 2009, com o título "O Século de 1914", pela Livraria Civilização Editora, com uma excelente e atenta tradução de Miguel Freitas da Costa.

- *Les Blancs et les Rouges: histoire de la guerre civile russe, 1917-1921*) reedição aumentada, Le Rocher, 2007, 524 p.

- *Ernst Jünger. Un autre destin européen*, Éd. du Rocher, Mónaco e Paris, 2009, 176p.

- *Le Choc de l'histoire: religion, mémoire, identité*, Via Romana, Versalhes, 2011

Uma apreciação optimista sobre as grandes representações colectivas e as suas mutações e que assim constitui uma interessante síntese sobre a história do mundo, oferecendo uma reflexão sobre o papel e os efeitos da mundialização

sobre a Europa.

• *L'imprévu dans l'Histoire : treize meurtres exemplaires*, Éditions Pierre-Guillaume de Roux, Paris, 2012, 268 p.

Uma abordagem sobre o modo como os imprevistos fulgurantes contribuem para a construção da História, analisando-se casos que alteraram o rumo dos acontecimentos como, por exemplo, os assassinatos de Kennedy, em 1963, de Trotsky, em 1940, ou do Arquiduque Francisco-Fernando em 1914, dando origem à Primeira Grande Guerra.

E, finalmente, a sua obra póstuma, editada no dia 27 de Junho de 2013, *Un samouraï d'Occident, le bréviaire des Insoumis*, Éditions Pierre-Guillaume de Roux, Paris, 2012, 316 p., em que o editor afirmou que o gesto de Notre-Dame se revestira de uma pujança simbólica extremamente forte que o aproximara de Mishima¹⁰. Com escreveu no seu livro testamento : "Temos o conforto, o saber, a opulência. Mas as nossas cidades não são mais cidades e as nossas antigas pátrias já não são o que eram. A excitação dos caprichos mais loucos fazem implodir a nossa civilidade. O dinheiro tornou-se o padrão exclusivo de todos os valores. Sob as aparências da democracia, não somos livres. As causas remontam há muito. Mas a História nunca é imóvel. Chegou o momento para os franceses e os europeus despertarem e libertarem-se. Como? Com certeza não é refazendo o que nos conduziu até onde nos encontramos. Não tendo uma religião à qual nos amarrar, temos desde Homero uma rica memória oculta, depósito de todos os valores sobre os quais refundar o nosso futuro renascimento. Diante do vazio sob os nossos pés, a voracidade demente do sistema financeiro, as ameaças de um conflito de civilização no nosso solo, este «Breviário» propõe despertar a nossa memória e dar pistas novas para pensar, viver e agir de forma diferente, permitir a cada um reconstruir-se na fidelidade a modelos superiores".

Após dirigir a revista *Enquête sur l'histoire* (1991-1999), fundou em 2002, com o apoio de François-Georges Dreyfus¹¹, Bernard Lugan¹² e outros historiadores, a *La Nouvelle Revue d'Histoire (NRH)* que de imediato revelou aspectos inovadores quer no conteúdo, quer na forma, afirmando na ocasião "Quisemos fundar uma revista que acabasse com as interpretações parciais e parciais da história, que desenhe uma outra visão do passado e do futuro, que

¹⁰ Yukio Mishima, pseudónimo literário de Kimitake Hiraoka, escritor que nasceu no dia 14 de Janeiro de 1925, em Tóquio, cidade onde cometeu o ritual *seppuku* em 25 de Novembro de 1970.

¹¹ Nascido a 13 de Setembro de 1928, em Paris, morrendo na mesma cidade a 24 de Setembro de 2011. Historiador francês, Professor com Agregação em História e Ciência Política na Universidade de Estrasburgo. Director do *Institut d'études politiques* (1969-1980), do Centre d'études germaniques, laboratório do CNRS (1965-1985) e do l'Institut des hautes études européennes (1980-1992). Professor Emérito da Universidade Paris IV-Sorbonne a partir de 1990.

¹² Nascido a 10 de Maio de 1946 em Meknès (Marrocos), é um historiador francês especialista em África. Entre 1972 e 1983, ensinou na Universidade Nacional do Ruanda, país onde levava a cabo escavações arqueológicas. De 1984 a 2009, foi «mestre de conferências» na Universidade de Lyon III, onde assegurou diversos cursos sobre a História de África e da francofonia. No mesmo período foi conferencista no *l'Institut des hautes études de défense nationale* (IHEDN) e na *École de guerre*, no seio do módulo de História e Geoestratégia da Francofonia. Em 2009, publicou uma notável e extensa história da África com o título, *Histoire de l'Afrique, des origines à nos jours* (Ellipses Marketing).



aspire a um renascimento europeu. Queremos que essa revista seja moderna e estética. Os nossos objectivos implícitos incluem o respeito pela diversidade filosófica dos colaboradores, mas um igual apego à honestidade histórica sem preconceitos, o desejo, enfim, de nos exprimirmos de modo vivo, elegante e claro para prazer dos nossos leitores"¹³.

Revista que mereceu, quase de imediato, a oposição da historiografia "tradicional" que obrigou mesmo, entre os números 25 (Jun-Jul 2006) e 28 (Jan-Fev 2007), a que se chamasse apenas *La NRH* porque a designação inicial poderia ser confundida, após quatro anos de publicação, com uma então moribunda *Revue de l'Histoire* e aplicando uma multa de 45.000€

No editorial do número n.º 40 com o título "Metafísica da memória" (*La Nouvelle Revue d'Histoire*, Jan-Fev 2009), concluía: "Cultivar a nossa «memória», transmiti-la viva às nossas crianças, meditar ainda sobre as provações que a história nos impôs, é preliminar a qualquer renascimento. Face aos desafios inéditos que nos foram impostos pelas catástrofes do século de 1914 e sua mortal desmoralização, encontraremos na reconquista da nossa «memória» étnica as respostas para as quais os nossos antepassados e avós não possuíam ideia, eles que viviam num mundo estável, forte e protegido".

Quando pareceu que a *La NRH* podia ser dissolvida, o jornalista Christian Brosio saiu em sua defesa, alegando o carácter inovador da sua apresentação estética, a sua originalidade no tratamento dos assuntos abordados, a profundidade da análise e a qualidade dos participantes (Brosio: 2006). Também outros historiadores como Emmanuel Le Roy Ladurie ou Lucien Jerphagnon, e escritores como Jean Dutourd manifestaram a sua solidariedade e apoio.

Mas a crítica feroz de cientistas políticos (que dificilmente "perdoariam" a sua anterior militância) não se fez esperar. Gwendal Châton afirmou que Venner se integrara numa estratégia de busca de uma refundada respeitabilidade: a do intelectual que a utilizou para instrumentalizar a história, colocando-a ao serviço da luta cultural (2005: 213-243) e que o seu "tradicionalismo" e adesão à "história e tradições europeias" foram apenas um "cenário retórico" criado para mascarar uma continuidade ideológica da sua anterior carreira política (2005: 227). Como se disse, a clareza da crítica não deixa lugar a dúvidas sobre o que se criticava... Segundo este autor, Venner utilizava as suas revistas para "manipular a história" utilizando diversas técnicas retóricas (2005: 233).

Também o Professor de Surrey, Christopher Flood, apontou, embora em termos menos ofensivos, a conotação direitista da revista, afirmando, outrossim uma subtil, mas persistente tendência revisionista (2005: 221-236). Questão interessante pois frequentemente a *NRH* revisitou, sobre perspectivas inovadoras, diversos temas da história sem, jamais, se envolver no tema do "revisionismo do holocausto" que não se encontra nas suas páginas e que se encontra subjacente à

¹³ "Nous voulions fonder une revue qui en finisse avec les interprétations partiales et partielles de l'histoire, qui dessine une autre vision du passé et de l'avenir, qui aspire à une renaissance européenne. Nous voulions que cette revue soit moderne et esthétique. Notre charte implicite incluait le respect de la diversité philosophique des collaborateurs, mais un même attachement à l'honnêteté historique sans préjugés, le souci enfin de nous exprimer de façon vivante, élégante et claire pour le plaisir de nos lecteurs". Editorial, *La Nouvelle Revue d'Histoire*, n.º 1, Jul-Ago 2002.

denominada “tendência revisionista” apontada por Flood.

Foi ainda tentada a sua conotação com posições racistas, dada a evidente ligação às teses de Chauprade¹⁴ sob os conflitos de civilizações, mas a verdade é que jamais se vislumbrou, explícita ou implicitamente, nas suas páginas qualquer tema de índole racista. No Editorial da *NRH* n.º 8, Dominique Venner escreveu mesmo, “Os japoneses, os judeus, os hindus e outros povos possuem esse tesouro que lhes permitiu enfrentar a história sem desaparecerem. Para seu infortúnio a maioria dos europeus, e particularmente os franceses, encontram-se tão impregnados de universalismo que perderam este tesouro”¹⁵.

Embora, como dito, nunca lhe tenha sido perdoada a sua militância política, sempre considerada inconveniente e impeditiva de mérito, – convicções que aliás jamais renegou – e independentemente do facto de não ter sido, por ausência de percurso académico na área, um historiador nesse sentido mais restrito da palavra, Venner logrou, nas áreas de investigação da sua predilecção afirmar-se no panorama historiográfico internacional, tornando indispensáveis as suas obras para quantos encaram a História de boa-fé.

Evidentemente que nunca perfilhou heurísticas de influência marxista, antes buscando um outro lado da história, justamente aquele que as novas correntes historiográficas haviam consideradas obsoletas ou extintas e, assim, fornecendo interessantes e novas abordagens. Na sua análise sobre a história contemporânea defendia que antes de 1914 havia existia uma “ordem europeia”, dinâmica e activa, que lograva conciliar a tradição com a modernidade. Essa ordem encontrava-se estribada nos grandes impérios alemão, austro-húngaro e russo que a Grande Guerra obliterou. Dos seus escombros, após 1917, haveriam de surgir quatro grandes sistemas ideológicos corporizados por Wilson, Lenine, Mussolini e Hitler e que mudariam drasticamente o rumo da História.

Morreu, pois, um historiador sem amarras, que acima de tudo sempre lutou contra o pensamento único.

Referências

Duarte BRANQUINHO (2013). “Adeus coração rebelde”, *O Diabo*, 28 de Maio de 2013.

Christian BROSIO (2006). “Une revue d’histoire menacée”, *Valeurs actuelles*, 28 de Julho de 2006.

Jean-Yves CAMUS e René MONZAT (1992). *Les droites radicales et nationales en*

¹⁴ Aymeric Chauprade, nascido a 13 de Janeiro de 1969, é um escritor, politólogo e geopolítico francês. Doutor em Ciência Política pela Universidade de Paris Descartes (2001).

¹⁵ “Les Japonais, les Juifs, les Hindous et d’autres peuples possèdent ce trésor qui leur a permis d’affronter les périls de l’histoire sans disparaître. Pour leur malheur, la plupart des Européens, particulièrement les Français, imprégnés qu’ils sont d’universalisme, en sont dépourvus”. Editorial, *La Nouvelle Revue d’Histoire*, n.º8, Set-Out 2003.



France, Lyon, Presses Universitaires de Lyon.

Gwendal CHÂTON (2005). "L'histoire au prisme d'une mémoire des droites extrêmes: Enquête sur l'Histoire et La Nouvelle Revue d'Histoire, deux revues de Dominique Venner", dans Michel J. (dir.), *Mémoires et Histoires. Des identités personnelles aux politiques de reconnaissance*, Rennes, Presses Universitaires de Rennes.

Christopher FLOOD (2005). "The politics of counter-memory on the French extreme right", *Journal of European Studies*, n.º 35(2), p. 221-236.

Nicolas LEBOURG (2013). "Qu'est ce que le nationalisme-révolutionnaire?", *Fragments sur les Temps Présents*, 2 ed., 7 de Junho de 2013 (originalmente publicado em 2009- <http://tempsresents.com/2013/06/07/nicolas-lebourg-definir-le-nationalisme-revolutionnaire-2/>).

Ernesto MILÀ (2013). "Na morte de Dominique Venner", *Boletim Evoliano*, n.º 7, 2ª série, 2º quadrimestre.

Pierre MILZA (1988). *Fascismes français, passé et présent*, Paris, Flammarion.

Pierre MILZA (2002). *L'Europe en chemise noire. Les extrêmes droites en Europe de 1945 à aujourd'hui*, Paris, Flammarion.

Pierre-André TAGUIEFF (1984). "La stratégie culturelle de la «Nouvelle Droite» en France (1968-1983)", in *Vous avez dit fascismes?*, ed. Robert Badinter, Paris, Arthaud/Montalba.

Virginie TANLAY (2007). "Entretien avec Dominique Venner. L'historien et les tentations de la politique", *La Nouvelle Revue d'Histoire*, n.º 30 (Mai-Jun), pp. 30-31.

<http://www.dominiquevenner.fr>

